

Finalmente, a Santinha!...

Em mais um dos seus já usuais desafios, o Vasco, provocador como só ele sabe ser, lá organizou mais uma saída para a Serra da Estrela. A Santinha era o objectivo. Da última vez que lá estivemos, com o Girão, é verdade, não logramos atingir esse, que era, então, também o objectivo. Desta vez conseguimos-lo. Não foi por o Girão não estar presente, mas sim por não haver ninguém que tivesse horas marcadas para chegar a casa.

Com saída de Mira marcada para as 7:30 da manhã, horário que eu e o Valdemar cumprimos religiosamente, apesar de vindos de Aveiro, chegamos a Mira e encontramos o Vasco a dormir dentro do carro. Na verdade, não só não conseguimos apurar se ele lá tinha passado a noite, como não também não tivemos coragem de perguntar se ele tinha sido expulso de casa, por, uma vez mais, não passar o fim-de-semana com a família.

O atraso que houve na saída, uns insignificantes minutos, convém dizer, ficou a dever-se à necessidade de desmontar a bicicleta do Vasco para a meter na mala do carro que, à última da hora, e contrariamente ao que estava planeado, decidimos levar. Isto, mais uma vez, por culpa do Vasco. Obra do acaso ou não, ele lá conseguiu arranjar umas barras para o carro, de um modelo que não comporta quaisquer outros suportes que não o dele. Depois de ultrapassada esta pequena mas conveniente contingência, lá seguimos viagem.

O Paulo e o Moreira seguiram directamente da Figueira da Foz para o Sabugueiro, a aldeia, na opinião dos locais, mais alta de Portugal. O Vasco lá tratou de informar da inverdade deste ostensivo título. Citou, pelo menos, o nome de duas aldeias, situadas no Parque Nacional da Peneda Gerês, plantadas a uma cota bem mais alta. É caso para dizer-se, presunção e água benta, cada um toma a que quer.

Chegados ao ponto de encontro, o Paulo e o Moreira já lá estavam, prontos a arrancar. Retiradas e montadas as bicicletas, ultimadas as últimas afinações e lubrificações (das bicicletas, claro), os 5 inquebrantáveis, mais para o lado do maluco, iniciaram finalmente o passeio, que de passeio não teve nada, pouco passava das 9:30 da manhã. Claro que o Girão não estava presente, senão a hora seria certamente outra!

Descendo pelo alcatrão até ao fim do Sabugueiro, viramos à esquerda, antes da ponte sobre o rio Alva, para apanhar um trilho que nos haveria de levar até às Pedras Douradas. Não demorou muito até que a Serra nos mostrasse o que nos esperava. De início, o trilho até que era agradável, para nós, para o Girão não sabemos, mas à medida que subíamos, a terra transformava-se em pedra solta, grande e desagregada, que nos obrigava a apelar a toda a técnica, resistência e capacidade de sofrimento. A extrema secura do piso fazia com que, a um esforço maior e mais desesperado para vencer o obstáculo, a roda traseira patinasse e o obstáculo, aparentemente de fácil transposição, se tornasse quase intransponível. Foram várias as vezes em que a "ciclovía" se transformou em percurso pedestre. O Paulo é que parecia imune a tudo isto. Sempre lá na frente, passava tudo e todos com um fulgor e ligeireza que metia impressão. Este homem não existe. Vê-lo a subir até parece fácil. Das poucas vezes que me consegui aproximar, e só quando ele abrandava, a mudança na sua cassete era sempre a mesma, a do meio. Pelo que vi, não precisava de mais. Quanto a mim, mais houvessem! Já ia na "mija-mija" e, mesmo assim, arfava a bom arfar. E não falo mais dele, senão estaria sempre a referir: "O Paulo na frente, o Paulo na frente"!...

Para aquecimento não estive mal, então da paisagem nem se fala. A Serra mostrava-se! O Girão é que não estava lá para ver.

A frescura matinal começou a ceder às massas de ar aquecidas pelo sol ascendente, que, àquela hora do dia, insistia, já, em mostrar como faria sentir a sua companhia durante o dia. Ainda a manhã ia a meio e já apetecia pedalar pela sombra.

O Vasco e o Paulo, "entretiam-se" a manter bem viva a "cultura" Figueirense. À falta do Girão... Com os "mimos" destes dois e puxados pelo Paulo, chegamos ao vale do Rossim, onde nos esperava um desejado e saboroso café junto à barragem. O local é de grande beleza. Muitos são os que procuram a frescura e os recantos aprazíveis dos pequenos bosques de bétulas para passarem o dia.

Já íamos a caminho das Penhas Douradas quando o Moreira deu por falta da sua mochila. Tinha-se esquecido dela no café. Não lhe restou outra alternativa senão voltar para trás. Livrou-se dos comentários jocosos do Girão.

O resto do percurso para as Penhas Douradas foi feito por alcatrão. Aí, seguimos em direcção ao Observatório para, pelo circuito do "up hill", descer até Manteigas. A meio de uma, muitas vezes involuntária, desenfreada descida, os travões mostravam alguma

relutância em obedecer, o Paulo arranhou maneira de furar. Porém, foi curta a paragem, a reparação fez-se com rapidez, num bom exemplo de entreajuda. Girão, en-tre-a-ju-da!

Em Manteigas, depois de uma nova, mas curta, paragem numa bomba de gasolina para ajustar a pressão dos pneus, seguimos em direcção à aldeia da Amoreira para, daí, apanhar o trilho que nos haveria de levar à Senhora de Assedasse. À saída da povoação, na direcção do campo de futebol, mesmo à margem da estrada, num quintal de uma casa, uma magnífica visão. Ali, mesmo à mão de semear, vergada pelo peso, com as extremidades dos ramos procurando apoio no chão, uma cerejeira carregadinha de indescritíveis e carnudas cerejas. Aquela horda não se conteve. O ataque foi imediato. Às mãos cheias, as cerejas entravam na boca, para, logo de seguida, qual metralhadora, os caroços saírem projectados em rápida rajada, para, assim, deixarem espaço livre à entrada de novas "munições"!

Completamente empanturrados, que o diga o Paulo, além do bandulho, não houve bolso que não enchesse, mas de ânimo e forças renovadas, enfrentamos a longa subida que não mais terminava.

Ao longo do vale, à nossa esquerda, sucediam-se as casinhas, antigas mas ostentando ar renovado, provavelmente transformadas em casa de férias ou de fim-de-semana. Ainda as cerejas suportavam o esforço, quando, no desfazer de uma curva, sobre a encosta do lado direito, no talude, sobranceira ao estradão, uma dessas casas, ainda em beneficiação, acolhia uma família que preparava uma fogueira para o mais que certo churrasco. Ainda lançamos uma boca às febras, mas o convite não se fez chegado. Cumprimentos e incentivos foram generosos. Quero crer que eram sinceros e não tinham como objectivo pôr-nos rapidamente dali para fora, não fosse, tal como demonstravam as nossas cansadas e esfomeadas caras, lançarmos às febras idêntico ataque ao das cerejas. Com o Girão,...não sei, não! Escaparam de boa.

Finalmente o topo, e, ao fundo, a capela de Nossa Senhora de Assedasse. Aqui sim, não havia que ter cuidados, o estradão era largo e o pendor convidativo. Em desenfreada descida encosta abaixo, rapidamente chegamos à pequena ponte sobre o Mondego, onde, para observação dos peixes e de uma pequena cobra-de-água que, lentamente, procurava esconderijo debaixo de uma pedra, fizemos curta paragem. O bucolismo do sítio não permitia pressas. E não havia Girão...

Mas não fomos os únicos a chegar à capela. Os frondosos e centenários carvalhos que a rodeiam, foram aliciante suficiente para que um grupo de amigos aproveitasse o sossego e

isolamento do local para organizar um grande convívio. Tinham montado um verdadeiro acampamento, onde não faltava sequer a cozinha de campanha. Os enormes tachos, sem tampa, deixavam ver, com opulência, todo o seu conteúdo. Também desta vez o convite não se fez chegar. Provavelmente pela ausência do Girão, quem sabe...

Reabastecidos de água da montanha, na torneira que existe ao lado do caminho, junto à capela, rapidamente nos pusemos em marcha, em direcção ao último e tão desejado objectivo, aliás a verdadeira razão porque ali estávamos: A Santinha.

A subida e o calor até ao cruzamento para Sepultura e Covão da Ponte começaram a fazer moossa. O cansaço já se fazia sentir. Mais uma pequena pausa para reforço alimentar. Bem preciso era, antes de enfrentar a última e verdadeiramente dolorosa subida.

Um pouco mais de subida até ao cruzamento para Folgosinho, e tomada esta direcção, descemos umas centenas de metros até um bosque de bétulas, onde, à esquerda, o trilho para a Santinha se enfiava por entre a deliciosa penumbra da sombra que os ramos das árvores generosamente forneciam.

Mas à medida que subíamos, a sombra desaparecia, o calor apertava, a terra desaparecia e as pedras nasciam. Oh vida, quão dura podes ser! Mas quem anda por gosto não cansa. Em lentas, mas seguras pedaladas, lá fomos vencendo o declive, com mais ou menos dificuldade. O Paulo é que se mantinha ausente de tudo isto. Ele lá ia, por ali acima, como se nada fosse. Mas aquela paisagem não lhe era indiferente. Com tempo para a apreciar, descobriu um promontório ao lado do trilho, de onde se podia ver a imensidão da paisagem: Gouveia, lá em baixo, ao fundo, as Serras de Arada, Freita, Caramulo, mais para norte, Celorico da Beira, enfim, até onde a vista alcançava, deparava-se-nos uma autêntica fotografia aérea, onde era possível identificar todos os belos locais de que a região é farta. Deslumbrante!

Recobrado o fôlego, o último assalto, o último esforço até às antenas. Que subida! Mas valeu. Pela paisagem, pela companhia (ah, faltava o Girão), por tudo...

Daqui para a frente foi só descer até ao Sabugueiro. Nada de especial, excepto o gozo da velocidade sem ter de pedalar.

Arrumadas as bicicletas, limpo o suor, mudada a roupa, calçado mais apropriado ao descanso, esperavam-nos umas deliciosas sandes de queijo e chouriço, devidamente

acompanhadas por umas estupendas cervejas pretas, numa daquelas típicas casas comerciais que marginam a estrada que atravessa Sabugueiro em direcção à Torre.

Não posso deixar de fazer uma referência, seria imperdoável não o fazer, àquele que esteve ausente, mas não foi esquecido: o Girão. Vá lá saber-se porquê, talvez pelas suas qualidades humanas, admito, apesar de fisicamente distante, foi uma presença constante neste passeio, uma referência incontornável. Até aqui, neste local de pasto, para onde quer que olhassem os seus amigos da Figueira, a referência ao Girão não se fazia esperar. Ainda estou para perceber porquê. Para onde quer que olhasse só via casacos pendurados, camisolas de lá, artefactos e peles de animais, ornamentos decorativos deles transformados, chocalhos,... Eh, ainda não percebi, e penso que nunca chegarei a perceber.

E foi aqui, também, que o Arfaólico do Nuno Gomes apareceu. Ele, o Fernando Carmo, e outros que tais, andaram, pelo que ouvi dizer, e só repito, não contesto, a fazer cinco (!) mil metros de acumulado pela Serra. Não há palavras!

Só estas, as últimas: Obrigado, companheiros. São momentos de companheirismo como estes que nos fazem esquecer as agruras da vida.

João Ribeiro

Aveiro, 30 de Junho de 2005